

# ENSAIOS DE UMA TRANSINTERVENÇÃO PSI COM MULHERES EM UMA CLÍNICA DE NUTRIÇÃO

ÁSHLYN LIMA DOS SANTOS<sup>1</sup>

BÁRBARA COSSETIN COSTA BEBER BRUNINI<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho debruça-se do resultado do encontro de corpos mulheres com uma Psicologia Feminista no espaço de uma clínica escola de nutrição, trazendo através de ensaios nos próprios corpos o modelo de transintervenção sendo escolhida a cartografia como metodologia que se faz no acontecimento do encontro, no entre, objetivando dialogar sobre as experiências vivenciadas em um contexto de Estágio Supervisionado Obrigatório em Psicologia. No primeiro ensaio desta escrita/experimentação, a genealogia e a etimologia da palavra “trans”, referenciam nosso estar em corpo e formação e seus atravessamentos no estar estagiária, de uma transintervenção que reflete sobre a produção de saúde mental com mulheres de uma clínica escola de Nutrição. O segundo ensaio discorre sobre o método cartográfico que foi o elencado para o desenvolvimento do estágio com a intenção de vivenciar uma pesquisa-intervenção ética e política na transformação de territórios subjetivos. Para o terceiro ensaio, faz-se uma recuperação histórica do(s) feminismo(s) no Brasil, estudos sobre gênero, corpo e mulheridades. Por fim, no quarto ensaio reflete-se sobre o compromisso psicossocial da Psicologia com a temática desenvolvida ao longo do estágio.

**Palavra-chave:** Feminismos; Método cartográfico; Corpo; Transintervenção; Clínica escola de nutrição; Formação em Psicologia.

## ESSAYS OF A PSYCOLOGY TRANSINTERVENTION IN A NUTRITION CLINIC WITH WOMEN

**Abstract:** The present work deals with the result of the encounter of women's bodies with a Feminist Psychology in the space of a clinical school of nutrition, bringing through tests on their own bodies the model of transintervention, choosing cartography as a methodology that is carried out in the event of the meeting, in between, aiming to dialogue about the experiences lived in a context of Mandatory Supervised Internship in Psychology. In the first essay of this writing/experimentation, the genealogy and etymology of the word “trans”, refer to our being in body and formation and its crossings in being an intern, of a transintervention that reflects on the production of mental health with women from a

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da UNIPAR.

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia e Sociedade pela UNESP/ Assis. Doutora em Psicologia pela UEM - Universidade Estadual de Maringá.

teaching clinic of Nutrition. The second essay discusses the cartographic method that was chosen for the development of the internship with the intention of experiencing an ethical and political research-intervention in the transformation of subjective territories. For the third essay, there is a historical recovery of feminism(s) in Brazil, studies on gender, body and womanhood. Finally, the fourth essay reflects on Psychology's psychosocial commitment to the theme developed throughout the internship.

**Keywords:** Feminisms; Cartographic method; Body; Transintervention; Nutrition school clinic; Training in Psychology.

## **ENSAYOS DE UNA TRANSINTERVENCIÓN PSICOLÓGICA CON MUJERES EN UNA CLÍNICA DE NUTRICIÓN**

**Resumen:** El presente trabajo aborda el resultado del encuentro de los cuerpos de mujeres con una Psicología Feminista en el espacio de una escuela clínica de nutrición, acercando a través de pruebas en sus propios cuerpos el modelo de transintervención, eligiendo la cartografía como metodología que se lleva a cabo. en caso de encuentro, en el medio, con el objetivo de dialogar sobre las experiencias vividas en un contexto de Práctica Obligatoria Supervisada en Psicología. En el primer ensayo de este escrito/experimentación, la genealogía y etimología de la palabra “trans”, se refieren a nuestro ser en cuerpo y formación y sus cruces en el ser interno, de una transintervención que reflexiona sobre la producción de salud mental con las mujeres. de una clínica docente de Nutrición. El segundo ensayo discute el método cartográfico que se eligió para el desarrollo de la pasantía con la intención de experimentar una investigación-intervención ética y política en la transformación de territorios subjetivos. Para el tercer ensayo, hay una recuperación histórica del feminismo(s) en Brasil, estudios sobre género, cuerpo y feminidad. Finalmente, el cuarto ensayo reflexiona sobre el compromiso psicosocial de la Psicología con la temática desarrollada a lo largo de la pasantía.

**Palabras clave:** Feminismos; Método cartográfico; Cuerpo; Transintervención; Clínica escolar de nutrición; Formación en Psicología

### **1. INTRODUÇÃO**

Buscando contemplar os objetivos de formação crítica e contemporânea na graduação de Psicologia, esse artigo foi desenvolvido em ensaios que almejam contemplar as experi(viv)ências através de uma escrita orgânica (ANZALDÚA, 2000) de uma estagiária transgênero em uma Clínica Escola de Nutrição com uma prática transdisciplinar, transinterventiva e da ordem da transcrição

com outras mulheres atendidas ao longo de plantões psicológicos. A abordagem da Psicologia utilizada foi a esquizoanálise, uma perspectiva pós-estruturalista desenvolvida com os achados de autores como Deleuze e Guattari (1996) que destacam os processos de subjetivação pelos quais sujeitas passam e perpassam, se movem e se constroem ao se empenharem em linhas duras e moles das tessituras sociais.

No primeiro ensaio relato sobre de onde falo, com quem falo, como eu falo, apresentando e situando brevemente quem lê a respeito do prefixo trans a partir da influência da genealogia foucaultiana (1993). Ainda nessa parte discorro sobre a importância de uma escrita viva que não se engendra em um rigor academicista, mas se faz na ruptura com tais prepotências, se deixando emergir do/no afeto, dessa forma discuto o caráter psicossocial do meu fazer Psicologia no espaço escolhido, realizando um resgate histórico do movimento e entrelaçando com questionamentos interseccionais sob a ótica de feministas.

No segundo ensaio discorro sobre o método, conceito emprestado da geografia e ressignificado não para delimitar em fronteiras e mapas topográficos e sim acompanhar enquanto pesquisadora as movimentações subjetivas, as linhas molares, moleculares e de fuga que constituem os processos de subjetivação e agenciamento de sujeitos, se posicionando no entre, onde a vida aflora. (GUATTARI; ROLNIK, 1986). Também trago a importância dos diários de campo enquanto ferramentas essenciais para o desenvolvimento da minha escrita e prática de plantões psicológicos com mulheres, para isto utilizo da visão foucaultiana de caixa de ferramentas e a observação participante de Minayo (2013).

No terceiro e penúltimo ensaio, trato brevemente as movimentações históricas dos feminismos, as influências destes na construção de políticas públicas de saúde no Brasil voltadas para pessoas que se identificam com o gênero feminino, sobretudo a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (BRASIL, 2004), assim como, as contribuições dos estudos de gênero, corpo e mulheridades para a formação crítica de profissionais de saúde que quebram com práticas cristalizadas concebidas em uma noção hegemônica de saúde.

No último e quarto ensaio convido a todas e todos a refletirem sobre os desafios e percalços de uma formação com um compromisso ético, estético e político com a população feminina usuária de serviços de saúde, falando do meu local enquanto mulher transgênero, estagiária e psicóloga. Dialogando com as reflexões surgidas ao longo de todo o trabalho desenvolvido e fomentadas por teóricas também mulheres e feministas.

## 2. ENSAIO I - GRITANDO COMO UMA MULHER

A escrita desse trabalho se dá por meio de ensaios para tratar estes parágrafos com a poética que lhes são conferidas, ele são tratados como tal por conta do afeto produzido no encontro com mulheres que participaram de todo o processo de transintervenção sobre o qual a prática de estágio aconteceu, da reciprocidade existente entre mulheres, em ter sido recebida no território de uma Clínica Escola de Nutrição com relações já estabelecidas, uma estagiária do corpo da transgeneridade, ocupando-se do cuidado com aquelas que lerão o presente ensaio almejando proporcionar um encontro que transcende palavras. Essas vociferadas em salas de reuniões, recepção e de atendimento, foram documentadas em diários de campo que foram o alicerce para a alimentação da escrita dessa produção. Logo, no descrever da transintervenção<sup>3</sup> feita, nenhum encontro e afeto foi deixado de lado, mas pelo contrário, fomentado e incorporado os ensaios aqui transcritos.

Cabe iniciar este ensaio dialogando sobre o Estágio Específico Obrigatório I como uma etapa componente essencial da formação em Psicologia, visto que prepara a aluna para a atuação profissional e mercado de trabalho, colocando-a em contato com a prática em Psicologia ao decorrer da graduação, a qual, como afirma Cury (2013) pode ser compreendido enquanto um período “[...] importante produto da formação, deve preparar o aluno aspirante a psicólogo, nesse contexto específico, para desenvolver as competências e habilidades necessárias ao exercício da profissão”. (2013, p. 50).

Destarte, a acadêmica em Psicologia ao longo da sua formação é apresentada a inúmeras abordagens e campos de atuação para em determinado momento realizar uma escolha de ênfase em Psicologia para se aprofundar em um dos dos campos da base curricular nacional comum de formação em Psicologia, sendo estes dois separados de maneira didática; ênfase psicossocial e clínica. Separação que não pode ser compreendida enquanto uma especialização precoce, mas como uma possibilidade de aprofundamento teórico e técnico com a ampla gama de demandas que emergem dos mais variados contextos possíveis de atuação em Psicologia. (BRASIL, 2001).

Para se alocar nessa multiplicidade de territórios subjetivos psicossociais a metodologia de trabalho escolhida para o desenvolvimento deste trabalho foi a cartografia social, para ir de encontro

---

<sup>3</sup> Não se trata apenas de um termo cunhado para esse trabalho mas resultado de um processo surgido desde o início da escolha de contexto de estágio da autora enquanto corpo TRANS de repercutir outros fazeres e estares em um espaço onde também o corpo ocupa espaço de destaque que é a Nutrição.

às vivências e o processo contínuo que é a vida e da onde ela aflora, fazendo no “entre”, não no início das linhas e trajetórias de movimentos das sujeitas que habitam e se (re)constroem subjetivamente.

As especificidades da cartografia social assim como justificativa aparecem no segundo ensaio, para este momento apresento e destaco a importância do prefixo “trans”. Associado à noção de algo ou alguém que está para além de alguma coisa ou definição, podendo ser entendido nas possíveis aplicações da palavra na experiência de subversão de normas ou papéis sociais, como no caso de sua utilização para identificar pessoas que cruzam as fronteiras de gênero atribuídas pela sociedade, ação de mobilidade e movimento, de ir além dos limites socialmente construídos que deflagram a constituição de uma vivência transcendental. (BERUTTI, 2002).

O reconhecimento de um percurso TRANS por de trás dessa escrita se faz influenciado também pela genealogia proposta por Foucault (1993), onde o emergir do discurso se dá pelo meio de práticas que ali se sustentam resultando na formação de uma rede de saberes interligados, analisando a historicidade das possibilidades políticas construídas na prática, transcendendo a busca da origem dessas e admirando o acontecer-entre. Deste modo, o transcender seria o ato de contestar aquilo que é imposto, que é dado e naturalizado nas relações, permitindo um (re)inventar de si em meio às convenções sociais, aqui, o corpo de pesquisadora por si só, torna-se parte da intervenção.

Sendo a zona do desejo que o meu corpo habita, cabe também caracterizá-lo então enquanto “[...] uma construção social, política, histórica e cultural, percebê-lo enquanto texto, que constantemente fala, problematiza, educa ou deseduca aquele que o lê” (SILVA; VALENÇA, 2016 p. 39), então, se minha corporeidade como pessoa trans por si só aciona diversos tensionamentos nas malhas das teias sociais, minha transposição como estagiária de Psicologia em uma Clínica Escola de Nutrição, necessitou da criação de ferramentas da ordem de uma transintervenção que traz consigo um olhar para além das normas.

Uma vez pensando em uma sociedade onde prevalece a dicotomia entre normal/anormal que se retroalimentam cabe a narrativa de minha experiência discutir os efeitos de uma perspectiva transgressora que compactua com a de Luiz Felipe Zago (2014) e é fruto do meu deslocamento enquanto corpo estranho que reconfigura o lugar da norma. Expandido a noção de transgressão apresento a perspectiva também de mesmo caráter da escritora negra e artista bell hooks<sup>4</sup> (2013) que

---

<sup>4</sup> Mantenho em letra minúscula em respeito ao desejo da mesma que foquemos na sua escrita e não em seu pseudônimo, manobra que se compreende como ato político de resistência dentro de um espaço academicista e elitizado.

a partir de sua experiência de vida e percalços enquanto educadora negra, lança insights da teoria enquanto uma prática libertadora, afirmando a necessidade de reconhecimento do aspecto coletivo em discursos naturalizados e possibilitar a transgressão desses:

[...] Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidência é o elo entre as duas – um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra. (HOOKS, 2013, p. 85-86).

Em consonante, tematizo ao longo de todo o trabalho a importância de corpo(s) inquieto(s) em qualquer lócus habitável, provocando questionamentos sobre a inteligibilidade do possível e daquilo dito não-possível, e como consequência, novas maneiras de se abordar e falar sobre a vigência desses modos de falas e do falar estando enquanto cartógrafa em conversação com corporeidades femininas distintas em um espaço do desejo de (re)criação que é a clínica de Nutrição.

Conspirando com a escritora, filósofa e crítica literária Gayatri Chakravorty Spivak (2010), lanço perturbações através da inquietude de um corpo tido como subalterno, termo descrito pela escritora, não como um que não deixa de falar, mas de ser ouvido, para gritar diretamente com quem lê; pode minha escrita, um uníssono de experiências da ordem do sentir ocupar um espaço academicista? Podem as performatividades vivenciadas ao longo do meu estágio, minhas e das mulheres que estive ao lado serem apresentadas? Pode-se abandonar a lógica cientificista quantitativa de fracassos e sucessos de uma pesquisa para abraçar o afeto produzido pelos encontros? Podemos juntas, deixar de lado o querer falar pela outra para ouvirmos juntas?

É resgatando a ideia de uma escrita orgânica desenvolvida pela escritora e acadêmica mexicana Gloria Anzaldúa (2000) que o falar transcrito desse trabalho parte da experiência de uma mulher transgênero que vai de encontro com os falares de outras mulheres em encontros visando a saúde mental em uma clínica de nutrição, não sendo no papel que criamos essa escrita mas como Anzaldúa destaca “[...] mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos.” (2000, p. 234). O escrever intimista toma como precursor o local das experiências sendo essas no caso, de uma mulher com outras mulheres, os discursos e vivências construídas ao longo de um processo relacional da experiência do estágio na formação em Psicologia, desbravando os caminhos e discursos pelos quais perpassam e permeiam nossas constituições enquanto sujeitas<sup>5</sup> corpos.

---

<sup>5</sup> O uso de sujeitas serve para ressaltar a prática especializada em produção de saúde a mulher ou pessoas do gênero feminino que foram a população alvo do trabalho desenvolvido.

A escolha da Clínica Escola de Nutrição como local de estágio foi acompanhada de uma provocação da escritora e estagiária em encarar um contexto de atuação pouco familiar e documentado na literatura, um local de estranheza para a própria Psicologia, entendendo a perspectiva psicossocial como também a ocupação de novos espaços e territórios por profissionais da Psicologia (FERREIRA NETO, 2008). Infiltrar-se em tais locais proporcionam um encontro com o inédito, com múltiplos viveres e pulsares de vida não-documentados e que não necessariamente precisam disso, mas que requerem uma atenção específica para as demandas que dali emergem.

Nesse sentido abordo o conceito-fazer de uma transintervenção que tem como caráter interventivo a consideração de um constante trânsito de práticas em Psicologia como prática transdisciplinar almejando atender sujeitas múltiplas e com experiências narradas ao longo de atendimentos que provocam nossa escuta para ser(es)-estar(em) mulheres em transição com os desdobramentos influenciados por suas interseccionalidades<sup>6</sup> e que muitas das vezes acabavam sendo negligenciados pela ausência de uma visão humanizada em produção de saúde.

Como cerne para se pensar nessa oferta de serviços de saúde, ancoramos no conceito de saúde descrito pela OMS (1978) não só enquanto ausência de doença, mas como ponto essencial da vitalidade de sujeitas, podendo estarem fragilizadas por diversos marcadores ao longo da vida, indo para além do biológico, destacando a interseccionalidade enquanto: marcadores sociais, econômicos, raciais, culturais e de gênero.

Refletindo sobre estes conceitos, o atendimento nutricional ainda é permeado por uma lógica e visualização de corpo essencialmente biologicista, resquício do discurso biomédico característico do início da construção das ciências de saúde como foi no caso também da Psicologia e que não contempla as necessidades para além disso, sendo os corpos enquanto expressões políticas. Outrossim, reconhecemos que práticas como o plantão, acolhimento, triagem e encaminhamento psicológico proporcionam às usuárias dos serviços de saúde um atendimento digno e holístico, estruturando-se em um trabalho em rede<sup>7</sup> e potencializando sua saúde em todas as esferas.

---

<sup>6</sup> Termo chave e crítico definido pela feminista e estudiosa negra Kimberlé Crenshaw (2002) que aborda a interseccionalidade como uma forma de se discutir todas as formas de subordinação que geram consequências estruturais desigualdade em nossa sociedade, baseado sobretudo, em marcadores de raça, gênero, etnia e classe.

<sup>7</sup> O trabalho em rede é aquele que almeja o entrelaçamento de práticas e saberes de todos as profissionais em saúde e seus campos em prol de um projeto singular, participativo e contextualizado às necessidades da usuária do serviço, visando uma equipe transdisciplinar, elemento essencial para a interação Psicologia e Nutrição desse trabalho.

Uma Psicologia psicossocial é fruto das vicissitudes históricas que geraram transformações de práticas tradicionais e cristalizadas da Psicologia no Brasil, mudanças que ocorreram e ocorrem advindas das reflexões e movimentos sociais críticos de profissionais, usuárias, comunidades e instituições objetivando o fim de práticas reducionistas e sobretudo de institucionalização total. Como Costa-Rosa, Yasui e Luzio (2003) discorrem:

Firmamos a hipótese inicial de que o termo psicossocial, que a princípio designa experiências de reforma da Psiquiatria, agregando a seu objeto aspectos psíquicos e sociais, vai aspirar ao estatuto de conceito, a partir do momento em que lhe são acrescentadas às contribuições de movimentos de crítica mais radical à Psiquiatria, como a Antipsiquiatria, a Psiquiatria Democrática e alguns aspectos originários da Psicoterapia Institucional. Tais elementos traduzem-se, a partir de certo momento, em transformações nas concepções de “objeto”, nos modos de conceber e estruturar a instituição como dispositivo, e, sobretudo na forma de conceber e estruturar as relações terapêuticas, que têm, por sua vez, implicações éticas radicalmente distintas das práticas asilares. (2003, p. 06).

A noção psicossocial abrange perspectivas de oferta de serviços de saúde com práticas humanizadas, ou seja, com uma visualização dos/da/des sujeitos para além de uma biologicista focada na saúde como ausência de doença, passando a compreender aspectos também da ordem do desejo, autonomia e cuidado que são pertinentes no processo de saúde. Quando tais aspectos são levados em consideração na hora de se trabalhar saúde é corroborada a ideia de sujeitas biopsicossociais, considerando todas as esferas da vida que impactam no processo de adoecimento e de produção de saúde (CAIXETA; PERGORARO; GOTO, 2021). Para fomentar tais práticas, é necessário um fazer compartilhado da atenção social, interrelacionando saberes entre todos os campos e profissionais da saúde para só então atender as usuárias em sua completude, para tanto a Psicologia acaba por dialogar com outros campos, como é o caso da Nutrição.

No Brasil, a alimentação, assim como a saúde, é um direito social assegurado constitucionalmente segundo a Constituição Federal brasileira e dever do Ministério da Saúde em desenvolver mecanismos, ações e estratégias para promover o acesso e garantia a alimentação sadia e de qualidade a toda população (BRASIL, 2020). A Nutrição enquanto ciência responsável por lidar com aspectos relacionados ao consumo de alimentos, relação deste com os hábitos de vida e saúde relacionados à dieta, entrelaça-se com o direito social mencionado anteriormente ao se afirmar como prática com “o desafio de promover uma educação nutricional eficaz, com ações que promovam mudanças nos hábitos alimentares dos indivíduos e de suas famílias” (FERREIRA; MAGALHÃES, p. 1677, 2007). Alimentar-se ocupa então um eixo central da atenção à saúde para toda a população brasileira, objetivando práxis que se relacionam com os cuidados com a comida, disponibilidade de alimentos, qualidade destes e seu consumo.

Com uma dimensão aprofundada de práticas nutricionais objetivando a transformação de hábitos alimentares de indivíduos e coletividades, a transformação de posturas e perspectivas atrelada ao processo nutricional é aspecto fundamental para a aderência de um cardápio por exemplo, para isso Victor Viana (2002) destaca como a Nutrição e Psicologia funcionam de maneira complementar uma da outra, em consonância com os aspectos sociais e culturais que influenciam e atravessam o processo nutricional.

Em sua monografia de bacharelado em Nutrição, Mirelle de Andrade da Silva (2021) relacionam a partir de uma revisão integrativa, transtornos de ansiedade e impactos nutricionais, onde apontam como a ansiedade pode ser um dos fatores envolvidos no funcionamento das funções intestinais e imunológicas. Com uma práxis orientada na interlocução entre esses saberes, as/os/es profissionais de Psicologia e Nutrição devem lançar os olhos sobre os marcadores sociais e culturais que se interseccionam nos processos de construção de saúde dessas usuárias, como; raça, sexualidade e gênero. Ana Mattos Britto de Almeida, Laura da Costa França e Anna Karynne da Silva Melo (2021) problematizam a invisibilidade de debates sobre diversidade humana e interseccionalidade durante a formação de profissionais de saúde ao afirmarem que:

Nesse projeto de modernidade, há uma produção seletiva de privilégios, de forma que os conhecimentos produzidos por mulheres, negros, indígenas, LGBTQIA+, entre outros corpos não brancos, não homens, não heterossexuais são constantemente desautorizados. Essa seletividade é elucidada tanto nas referências bibliográficas das universidades, que são majoritariamente constituídas por autores brancos europeus ou norte-americanos, quanto pelos próprios corpos que conseguem ingressar no ensino superior. Exemplifica-se no caráter de exceção de acesso e permanência desses corpos na universidade (em especial em cursos da área da Saúde, que são ocupados, historicamente, por uma elite branca). (p. 7).

Dissociar-se deste projeto elitista e excludente é um compromisso ético, estético e político também de todos profissionais em saúde envolvidos no processo de cuidado e atendimento de usuárias de seus serviços, pois se não contempla a singularidade e historicidade que a constitui enquanto sujeita retornamos a uma práxis descontextualizada que desqualifica a autonomia dessas.

O corpo da profissional de saúde com tal postura, sobretudo da de Psicologia, é um corpo da transcrição pois recorrentemente se submete a criar novas maneiras de realizar intervenções da ordem do inédito que vão de encontro com os corpos também em transmutações incessantes das usuárias, para evitar o que Sylvia Leser de Mello e Maria Helena Souza Patto (2008) discutem sobre o “poder dizer” que muitos profissionais em Psicologia acreditam deter por conta de uma formação acrítica, reprodutora de discursos, embasados por uma suposta competência indiscutível advindas de uma perspectiva hegemônica de cientificidade neutra da Psicologia que se conflagra em violências as usuárias em diferentes espaços de atenção à saúde.

Para contrariar a reprodução dessas violências optamos por pensar-sentir outras metodologias que permitam estar e acompanhar as transformações e movimentações junto das protagonistas em seus territórios subjetivos, se alocando enquanto pesquisadora agente também da transformação, dialogando junto as condições de vida, subjetividade, coletividades e viveres que ali transitam, portanto como tema do próximo ensaio apresento e situo a leitora sobre a metodologia cartográfica.

### **3. ENSAIO II - CARTOGRAFANDO COM MULHERES**

Entendido os aspectos interseccionais e a transdisciplinaridade nas ações propostas para o desenvolvimento do estágio firmou-se o compromisso social da Psicologia e Nutrição com mulheres que buscaram pelos serviços nutricionais da Clínica Escola de Nutrição da Universidade Paranaense (UNIPAR) no ano de dois mil e vinte e três e acabaram por visualizarem demandas que vão além dos aspectos de nutrição como é o caso da saúde mental.

Para abranger tais necessidades, optei pela metodologia da cartografia social, essa que por si só, em sua origem já carrega um sentido de transgressão ao pegar um termo originalmente da geografia e transfigurado em outro sentido e aplicação, se tratando de um plano de ação que leva a pesquisadora a intervir em um emaranhado de linhas molares, moleculares e de fuga, relações pré-estabelecidas em territórios vi(vi)dos e transitados por todas subjetividades, sempre em um constante transformar(si) e as sujeitas ao redor.

O atravessar por percursos que nos infiltramos, traz à tona o delineamento cartográfico enquanto método de pesquisa em virtude de experienciar territórios não só geográficos e topográficos, mas subjetivos e da ordem do vivido, transportando quem pesquisa para as relações de quem ali habita e que já aconteciam antes de nossa intervenção.

Como Bárbara Cossetin Costa Beber Brunini (2022) discorre acerca dessa metodologia, é preciso evitar a comparação com a cartografia clássica a qual apresenta uma visão topográfica, matemática e quantitativa do espaço mas sim o teletransporte de quem pesquisa para o espaço em que se dá a pesquisa, acompanhando as subjetividades e o território onde essas acontecem. É ir de encontro com as forças que atravessam as sujeitas, provocando tensionamentos, acontecimentos e deslocamentos que são visualizados através das narrativas dessas pessoas que expressam todos os conjuntos discursivos e normativas que acontecem no entre, onde a vida pulsa.

Sobre isso, é importante destacar também o que Kleber Prado Filho e Marcela Montalvão Teti expõem sobre tal metodologia:

[...] cartografia social aqui descrita liga-se aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade. Não se refere a método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa, mas, sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência (2013, p.47).

A cartógrafa infiltra-se então nesse território subjetivo indo de encontro com a vida que dele aflora, não com o olhar fixado no porque ou na origem das subjetividades ali se movimentando, mas sim no como, no entre e em todas as direções e dimensões relacionais assimétricas ou não que ali acontecem, junto as protagonistas de suas histórias, intervindo estrategicamente no acontecer que é a vida. O fazer torna-se então uma pesquisa-intervenção uma vez que garante a participação das sujeitas envolvidas nela e sua inclusão não-passiva na produção de conhecimento, desconstruindo a hierarquização de pesquisadora-pesquisada, definindo então esse dicotomismo e se constituindo enquanto uma metodologia de estar com essas sujeitas protagonistas (KASTRUP; PASSOS, 2014).

Gilles Deleuze e Felix Guattari (1996) tratam sujeitas e grupos como atravessadas por linhas que nos dividem e cortam-nos em todas as direções e lados, essas linhas são diferenciadas pelos autores em; molares (ou linhas duras) que cerceiam estruturalmente os desejos, identidades, cristalizam opiniões e formas violentas de se viver, enquanto as moleculares (ou linhas flexíveis) são aquelas que permitem o escapar da molaridade mesmo sem traçar nenhum território, desvios dos jogos macro políticos de poder arquitetados nas linhas duras e as linhas de voo (ou de fuga) que não seguem nenhuma trajetória, desafiando protocolos e tentativas de captura de identidades, essas linhas constituem os territórios subjetivos dos quais cartografamos e os processos de subjetivação que ali ocorrem.

Não apenas na constituição de sujeito em sua subjetividade, esses espaços se configuram como a noção da ideia de um território coletivo, para além de somente um espaço geográfico mas também da criação de (re)existências, desenvolvimentos relacionais e materiais da subjetividade, assim então “[...] rompe com a noção de esquadramento da sociedade, que delimita áreas de abrangência e considera apenas o frio mapa de uma cidade.” (LIMA; YASUI, 2014, p. 604). Somando a cartografia desses mapas sem delimitação de fronteiras as necessidades emergentes dos pontos de rupturas nas linhas molares, deixamos de lado o falar por para o falar, transgredir, criar com as sujeitas de nossa intervenção, inclusive forjando juntas ferramentas para sua servitude.

Ao intervir diante tais processos e seus territórios, encarando os jogos de poder e as linhas duras ali instituídas, quem pesquisa/intervém precisa ter em mãos ferramentas eficazes para o trabalho

com essas sujeitas/mulheres da atenção em saúde, para tanto cabe resgatar o conceito de caixa de ferramentas para Foucault (2003) que são aquelas necessárias para bem beneficiar quem as precisa e não quem as usa. As ferramentas adquirem formatos e usos na medida em que se produz uma relação de saber-poder com o conhecimento compartilhado na territorialidade do plano subjetivo, servindo até mesmo para contrariar até mesmo quem forja as ferramentas.

Para o autor há uma subversidade, uma constante criação que correlaciona-se com uma transcrição de ferramentas conjuntas para melhor servir sujeitas também da ordem do movimento de invenção. Escrever como, enquanto e com mulheres como é a proposta e um dos alicerces deste trabalho, configura-se em apresentar ao longo dos ensaios os frutos, frustrações e vivências das servitudes de ferramentas transcritas para o uso das usuárias da clínica de Nutrição.

Uma dessas ferramentas são os diários de campo, onde compartilho com Brunini (2022) a mesma forma de compreendê-los enquanto uma:

[...] experimentação de um modo de dizer/sentir/escrever compatível com as problematizações que nos mobilizam, pressupõem que os diários são ferramentas para uma política de narratividade que permite a escrita uníssona de nossas experiências coletivas. (p. 27).

A experimentalidade carregada em nossos encontros de plantões psicológico, foram transcritas e serviram como combustível para uma escrita afetuosa, desprovida de objetivos engendrados mas sempre em conversações fundadas nos afetos de cada encontro, conectando-se com os efeitos da transintervenção nas vicissitudes das movimentações subjetivas das vidas das usuárias enquanto mulheres, por isso, os diários e a escrita em primeira pessoa reforçam a característica de uma pesquisa de observação participante, noção desenvolvida pela autora Cecília Minayo (2013) que parte do reconhecimento da transformação de sujeitas e territórios a partir da inserção da pesquisadora desde a primeira vez que adentra até mesmo após finalizada a intervenção.

Para a estudiosa, a observação participante permite a quem pesquisa e quem é sujeita a pesquisa se entrelaçam: “Como investigadores, trabalhamos com pessoas, logo, com relações de afeto” (MINAYO, 2013, p. 74). O afeto volta aqui como resultado da produção de saúde mental ancorada nos compromissos ressaltados anteriormente, acontecendo no momento de acolhimento (outra ferramenta da nossa caixa) de mulheres frente às suas demandas de saúde.

O acolher em saúde segundo Bruna Adames *et al* (2018) é uma prática capaz de proporcionar à pessoa acolhida um olhar introspectivo frente a sua vivência situacional, e as repercussões dos acontecimentos dessa na vida como um todo abrangendo seus diversos aspectos, como a

historicidade, culturais e outros. A prática ocorre no encontro, tanto da usuária quanto da profissional disposta em naquele momento lidar com situação/queixa latente estando junta a outra.

É esse “estar com” ou “estar perto” de alguém que caracteriza-se o acolhimento, reconhecido pelo Ministério da Saúde como uma das maiores diretrizes para a Política Nacional de Humanização do Sistema Único de Saúde (SUS), (BRASIL, 2010). Para a Psicologia o fazer-se presente junto a usuária é um momento muito importante e que proporciona a narrativa da história e fatos vividos até então que fizeram essa pessoa a buscar por um serviço especializado. Brunini (2022) em sua tese de doutorado, desenvolve como:

É espaço verbal, por onde transbordam enunciados e detalhes sobre acontecimentos e ações localizadas, bem como todo o conjunto de reproduções discursivas e normativas que estão disponíveis em seu espaço existencial e se revelam como forças que atravessam suas trajetórias. (p. 17).

Ao compreender esse cuidado com a saúde como um longo processo de escuta especializada que pode resultar na elaboração de uma ou mais demandas, a profissional em Psicologia pode realizar um processo de triagem interventiva que se define enquanto prática voltada: “[...] para o conhecimento da pessoa como ela se apresenta, sem preocupações em relação a conteúdos pré-estabelecidos que qualifiquem esse saber” (ROCHA, 2011, p 127). Esse procedimento abre a possibilidade de contemplar a espontaneidade da vida que gera, algumas vezes, adversidades que o sujeito não consegue lidar ou não dispõe de ferramentas para isto naquele momento. Ao longo das intervenções na clínica de Nutrição a necessidade de um atendimento psicológico de urgência e que não se configure enquanto um processo essencialmente psicoterapêutico surgiu em diálogos com a equipe e usuárias da clínica, logo a intervenção de plantões psicológicos foram de encontro com as demandas do estágio, tal prática configura-se como: “[...] um tipo de intervenção psicológica que busca acolher a pessoa no momento de sua urgência, fornecendo acolhimento e escuta empática” (DOESCHER; HENRIQUES, 2012, p. 722).

Sendo toda pessoa possível de sofrer com angústias e ansiedades no decorrer da vida que podem fragilizar sua saúde, as práticas mencionadas se entrelaçam para estarem à disposição para o enfrentamento dessas necessidades no momento que surgem, oferecendo um espaço acolhedor e de (re)invenção. É formando-se um vínculo entre profissional, rede de profissionais e usuária a partir da compreensão da última, que trabalhamos uma aliança ética pautada na vida e suas formas de ser e estar no mundo, inclusive em movimentos interventivos a favor de mulheres.

#### **4. ENSAIO III - MOVIMENTANDO-SE ENQUANTO MULHERES**

Conhecer e acompanhar os movimentos ao longo da história da construção e constituição do(s) ser(es)-estar(es) mulheres é de extrema necessidade para este trabalho, pois a relação entre uma alimentação sadia, aspecto da Nutrição e o bem estar completo que também é uma preocupação da Psicologia, estão implicados em um processo cultural e que se conflagra ao longo da história. Como Emma Siliprandi (2012) escreve, ao analisar as relações de gênero e segurança alimentar de mulheres, constata a interferência da construção histórica social do papel da mulher na sociedade, questões específicas como a própria alimentação passam despercebidas das pautas políticas e por outro lado, essa mesma constituição social de atribuições de papéis coloca as mulheres como possíveis agentes de estratégias de transformação ao incorporar o alimentar-se enquanto um tema político de movimentos feministas.

Colling e Tedeschi (2019) lembram que, ao longo do tempo, esses movimentos buscavam a reivindicação social de direitos e garantias das mulheres na sociedade de acordo com as necessidades de suas épocas:

Algumas estudiosas reconhecem três períodos em que, como vagas, distinguem diferentes movimentos: a primeira vaga, localizada no século XIX, localiza, além da demanda pela igualdade de direitos contratuais e de propriedade, as lutas contra a subordinação das mulheres ao casamento e aos maridos. Desdobramentos se verificam no século seguinte, com a conquista pelo direito de voto das mulheres (Nova Zelândia, 1893; Reino Unido, 1918; EUA, 1919; Brasil, 1932, para citar apenas alguns países), entre as lutas pelos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres; a segunda onda, assinalada nas décadas de 1960 e 1970, é caracterizada pela crítica ao etnocentrismo, em aliança com os movimentos norte-americanos pelos direitos civis e pelas lutas anti-colonialistas, nos EUA e na Europa, e a emergência das feministas negras, entre elas Ângela Davis e Alice Walker; a terceira vaga, a partir dos anos 80 do mesmo século, é momento em que se pontua a acentuação dos movimentos e do pensamento social na direção de uma radicalização da crítica ao racionalismo essencialista e às categorias da identidade, particularmente de sexo-gênero, raça-etnia e classe social (2019, p. 251).

Como parte fundamental das discussões feministas está o termo gênero que assume uma categoria útil de análise histórica pela qual se dá uma diferenciação entre sexo, defendendo que o segundo não determina os sentidos que o primeiro adota, pois trata-se de uma construção social minuciosamente pensada enquanto diferenciador para a construção de noções hegemônicas como por exemplo; família e nação (SCOTT, 2017). As verdades sustentadas nas diferenciações anatômicas dos corpos perdem então sua legitimidade por não possuírem discursos e normas sendo (re)produzidas socialmente, quando o biológico só teria validade nessa discussão na medida que se estabelece enquanto realidade discursiva e relacional.

No campo de construção de realidades podemos apontar como a argumentação do sexo enquanto dado biológico e natural a todos funciona como uma maneira de evadir ou até mesmo obter

validade sobre as explicações e legitimações das desigualdades entre os sexos, desconsiderando a construção histórica e social deste (SANTOS, 2021). A estruturação dessas desigualdades sendo materiais e sociais se faz presente na sociedade contemporânea onde impera-se que os corpos nasçam com um dos sexos dentre do binário masculino e feminino advindos de uma diferenciação anatômica meticulosamente arquitetada e ancorada sobretudo por discursos biomédicos. Segundo Guacira Lopes Louro (2000):

O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um "dado" anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse "dado" sexo vai determinar o gênero e induzir uma única forma de desejo. Supostamente, não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista. A afirmação "é um menino" ou "é uma menina" inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete (p. 15).

Judith Butler (2018), filósofa, professora e feminista, afirma que gênero se constitui como uma cadeia de atos performativos pelos quais se apreende e performa no mundo, cultura e sociedade, a performatividade então relaciona-se a atos (re)produzidos socialmente como por exemplo, de cruzar as pernas em público para se afirmar enquanto mulher, ou, demonstrar agressividade em público para ser inteligível como homem, sendo a linguagem (não só a fala) a maneira como se é construído noções de gênero enquanto algo dado, a priori da sujeita. Ambos, gênero e sexo dotam-se então, de papéis históricos e constituintes do cerne das relações sociais, posto que (re)produzem atos discursivos no mundo que compõem a construção de saberes, práticas, existências e modos de vidas governados sob o efigie daquilo que é inteligível socialmente e o que não é, do dito e não dito, do desejável e o indesejável, do dito normal e o anormal.

Desconstruindo gênero, feministas implicam com as assimetrias construídas socialmente e naturalizadas nos discursos acerca destes, fazendo com que as contestações feitas pelos movimentos de mulheres feministas infiltram-se por todas as fissuras dos tecidos sociais da cultura ocidental e países ocidentalizados, provocando o debate sobre as condições nas quais as mulheres est(ão)iveram submetidas e as consequências disso. No cenário nacional o feminismo brasileiro à participação social das mulheres teve um papel importante na elaboração de políticas públicas voltadas aos públicos femininos, como Kátia Souto e Marcelo Rasga Moreira (2021) em seu ensaio resgam:

Essa participação longa e vigorosa, algo incomum no Brasil, não foi monolítica nem estacionária, variando nos diferentes momentos históricos, seguindo as lógicas das lutas cotidianas que levaram o movimento feminista a integrar espaços de gestão institucional; a atuar como movimento social dialogando diretamente com o Estado; a participar de espaços institucionais, como conselhos e conferências a buscar espaço nos partidos políticos; e a ir às ruas, no enfrentamento dos momentos mais críticos (p. 833).

À medida que o enfrentamento político das mulheres por espaços, direitos, garantias, estratégias e ações afirmativas voltadas ao bem-estar acontecem no campo da cultura da sociedade, críticas a modelos tradicionais de saúde aumentam e em congruência a isto, a necessidade de (re)inventar olhares e práticas contextualizadas para atenção e cuidado em saúde também da(s) mulher(es) também.

Como alternativa às concepções hegemônicas de saúde feminina até então predominantes, o Ministério da Saúde adotou como ações e estratégias voltadas ao público a elaboração da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM) com princípios e diretrizes norteadores os quais visam a consolidação e melhora de direitos sexuais e reprodutivos<sup>8</sup>, levando em consideração as desigualdades históricas de gênero sofridas do contexto nacional brasileiro e suas especificidades (BRASIL, 2004). Dessa forma, ferramentas humanizadas como as elencadas no ensaio anterior, são pilares basilares para um atendimento integrativo atendo às particularidades singulares e subjetivas de cada sujeita encontrada ao longo da prática de estágio.

Diante do exposto, considera-se que no fazer integrativo de saúde defrontamos então com diversas práticas/intervenção durante o estar acadêmica estagiária, escancarando as possibilidades de desdobramentos em territórios subjetivos, exigindo um trabalho colaborativo entre a profissional e as usuárias, ativo e que considere os desejos e coletividades para uma intervenção psicossocial responsável pelo cuidado, atenção, prevenção e trabalho multidisciplinar.

Acompanhando as transformações em curso nesses territórios e entendendo que é capaz de transformar e ser transformada no processo de refletir juntas nas discursividades da vida e cultura que emergem do chão desses espaços e sujeitas, no tema do próximo e último ensaio que convido a leitora a se transperformormatizar.

## **5. ENSAIO IV - PERSISTINDO ENQUANTO MULHERES**

Intervir como ser entendido como ato de atuação e resistência, justamente nesse processo quando deixamos de ser objeto e nos tornamos sujeitas do processo. Tal inspiração de pensar objeto para sujeito, vem dos escritos de bell hooks (1989), que afirmam que o falar com a própria boca, o escrever com as próprias palavras, nos coloca no lugar de visibilidade, poder e protagonismo que temos o direito de ocupar. Persistindo enquanto mulheres, cito a coragem de Conceição Evaristo

---

<sup>8</sup> Os direitos sexuais compreendem o direito de uma vida sexual com prazer e sem discriminação enquanto de direitos reprodutivos aqueles de tomada de decisões sobre a reprodução, sem coerção ou violência. (DÍAZ; CABRAL; SANTOS, 2004).

(2009) ao lembrar a força de nossa coletividade: “Combinaram de nos matar. Mas nós combinamos de não morrer”, ao reconhecermos que somos sim as possibilidades insurgentes do que foi e ainda é falado sobre nós mulheres todas.

No movimento contínuo de luta sobre o lugar de voz e momento da vez, estar corpo mulher trans em espaços acadêmicos já se faz ato de transgressão, estar corpo mulher outro em atuação com/para cuidado e atenção de corpos quase um ato de rebeldia, para mim, ato de transcrição, um jogo afetivo de invenções éticas já que, como defende Margareth Rago:

Nesses movimentos, também está em jogo a invenção ética e libertária da subjetividade, que só se torna possível a partir de experiências individuais e de formas de sociabilidade mais inteiras e mais equilibradas, que possibilitem a expansão dos afetos e desejos. Não se trata apenas dos “sujeitos de direito” que clamam por se fazerem ouvir e serem reconhecidos perante o Estado, mas de novas subjetividades que acenam em busca da ética e do sentido de suas próprias vidas: da renúncia de si e da culpabilização dos desejos, passa-se a afirmação de existências estetizadas, construindo declarada ou imperceptivelmente suas artes do viver e suas heterotopias (2015, p. 59).

Nesta relação entre todas, precisamos refletir em um “fazer com” de alteridades que encontrou no fluxo dos encontros redes de afetos que burlaram a continuidade histórica, comprometendo-se com o que é vital para a vida, “estar no entre”. Uma Psicologia proponente de currículos e intervenções no ensino, pesquisa e extensão que acionam saberes conectados com modos plurais de existência e de perspectivas teóricas que se destacam por falar a partir de nós, construindo arquivos coletivos de nossas próprias escrevivências. (EVARISTO, 2020).

Nesta intenção, a produção do conhecimento deixa de ser a experiência local e individual para ser produzido no diálogo, guiado pelo compromisso com a transformação social, um compromisso científico e político da Psicologia mais encarnada, reconhecendo assim que:

[...] o conhecimento produzido no espaço acadêmico, o conhecimento produzido sobre os saberes e os saberes propriamente ditos precisam criar novos horizontes de aberturas, de encontros para além das moralidades que os cercam e, por isso, é necessário que possamos não desprezá-los, mas sim pensar num processo alquímico que desmantele os tentáculos dos enclausuramentos. (MESSEDER; NASCIMENTO, 2020, p. 159).

Ao adotarmos tal perspectiva como compromisso ético, estético e político, a Psicologia e a Nutrição aproximam-se e promovem o compartilhamento de saberes e o delineamento de práticas que contemplem a demanda subjetiva de usuárias dos serviços de saúde, resultando em um diálogo direto com temáticas de gênero, corpo e processos de subjetivação.

Assim, tendo como parte da minha formação profissional a transcrição de espaços sociais e defendendo que para ser um participante da política preciso me tornar parte de uma ação concertada e coletiva, participei de cursos de ensino superior que se uniram em assembleia durante o estágio

obrigatório em Psicologia e encenaram outras ideias de igualdade, liberdade e justiça diferentes daquelas a que se opõem. Conspirando novamente mas dessa vez com Butler ao pontuar que: “[...] para a ação política, devo aparecer diante dos outros de modos que não posso conhecer, e, desse modo, meu corpo é estabelecido por perspectivas que não posso viver, mas que, certamente, vivem em mim” (2018, p. 55). Essa aparição, diante do palco ético, estético e político da transintervenção é vital para a garantia do reconhecimento da diferença da outra, o acolhimento e escuta especializada desses estranhamentos, o exercício contínuo de alteridade (GORJON; MEZZARI; BASOLI, 2019).

Ser atriz política é uma função, estar em ato performático é uma característica do corpo que pretende intervir em termos de igualdade com outras sujeitas, atitude relevante para as lutas democráticas contemporâneas também em saúde e território acadêmico. Conforme Brunini (2022), a igualdade é uma condição e uma característica da ação política em si, ao mesmo tempo que é o seu objetivo, um exercício que não vem de você ou de mim, mas do que está entre nós, da ligação que estabelecemos no momento em que exercitamos juntos a liberdade, uma ligação sem a qual não existe liberdade (BUTLER, 2018, p. 59).

Um corpo desejante de liberdade, de revolução, de transcrição, encarnado como figura Messeder (2020), pode ser entendido como corpo potente de estratégias políticas de resistência aos regimes regulatórios de gênero, do conhecimento blasfêmico como descreve a teórica, definido como o da experimentação tomando como base a corporeidade do encontro durante as práticas de estágio na formação em Psicologia e a necessidade de nos posicionarmos em novos horizontes, celebrando a política entre nós, concordando com Foucault:

Nem tirano, nem escravo, o indivíduo deveria ser capaz de governar-se a si mesmo para tornar-se um ser político apto a participar da vida na pólis. Na antiguidade a vontade de ser um indivíduo ético estava ligada pois, à afirmação da própria liberdade e ao desejo de construir uma vida exemplar, que pudesse ser reconhecida no presente e na posteridade (FOUCAULT, 2004, p. 45).

O governo de si, de nós mulheres todas, responde a necessidade de se libertar e libertar todas da cafetinagem da vida, da sua apropriação pelo capital, pelo sequestro de nossas existências, pelo silenciamento de nossas vozes, pelo apagamento da nossa presença social, descrita nas linhas de Rolnik (2018) como processo de invenção decorrente da inteligência coletiva mobilizada pela urgência de enfrentar a perversão do regime em sua nova versão, força inventiva e de reapropriação, de localizar nossos corpos nesta cartografia afetiva distante das cafetinagens da vida, nas palavras de autora:

Seja qual for este algo, o que conta é que ele carregue consigo a pulsação intensiva dos novos modos de ver e de sentir - que se produziram na teia de relações entre os corpos e que habitam cada um deles singularmente -, de modo a torná-los sensíveis. Em outras palavras, o que importa é transduzir o afeto ou emoção vital, com suas respectivas qualidades intensivas, em uma experiência sensível – seja pela via do gesto, da palavra, etc. -, e que se inscreva na superfície do mundo, gerando desvios em sua arquitetura atual [...] Nessa micropolítica, as ações do desejo consistem portanto em atos de criação que se inscrevem nos territórios existenciais estabelecidos e suas respectivas cartografias, rompendo a cena pacata do instituído (ROLNIK, 2018, p. 61).

Deste modo, pertencentes à experimentação das histórias emergidas nos encontros com outras mulheres usuárias da Clínica Escola de Nutrição da UNIPAR, entrelaçamos os encontros e os afetos vividos utilizando como matéria prima as marcas feitas no corpo, poroso, por onde tudo passa e “[...] que vibra em todas as frequências possíveis” (ROLNIK, 2006, p. 66), afirmando que somos contrárias a precariedade de subjetividades subversivas, continuamos assim sendo consideradas encrências, (BUTLER, 2018) aproximando o termo a ideia daqueles corpos acadêmicos feministas na formação em Psicologia que vazam os muros fronteiraços da academia e se infiltram nas ruas através das práticas de estágio, pesquisa e extensão, em espaços onde a potência e o desejo podem transitar, mundos plurais, onde a vida se faz criativa e abre processos infinitos de anunciações sobre tornar-se feminista acadêmica de Psicologia (BRUNINI, 2022).

Por fim, dedico a esse palco de (in)conclusões pois entendo que o papel de uma boa cartógrafa não é de responder questões, mas sim potencializar junto a todas que acompanharam o desenvolvimento de um trabalho a se deixaram subi-lo, a vocês, e a nós corpos inquietos, que se coloquemos juntas uma última vez, ensaiando um posfácio de uma escrita vivida e contínua de afecções, esta última, uma visão Espinosana (2009) sobre o corpo e suas complexidades, defendendo a nossa capacidade de mudar o mundo e sermos mudadas, deixando a nós, corpos mulheres, nossa única especificidade que é a de potência(s) enquanto mulheridades para constituirmos os territórios e palcos que quisermos, sendo revolução e revolucionárias, se transcriando em afeto.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. B.; FRANÇA, L. C.; MELO, A. K. S. Diversidade humana e interseccionalidade: problematização na formação de profissionais da saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, p 1-12, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/interface.200551>>. Acesso em: 26 maio. 2023.

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Rev. Estudos feministas**, n.1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v08n01/v08n01a17.pdf>>. Acesso em: 20 maio. 2023.

BERUTTI, E. B. Transgenders: questionando os gêneros. *Corpo e imagem*. São Paulo: **Arte & Ciência**, p. 109-118, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). **Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização da Saúde**. Gestão participativa e cogestão Brasília: Ministério da Saúde (MS); 2009.

BRUNINI, Bárbara Cossettin Costa Beber. **Ad/mira/ação: mulheres docentes feministas e suas práticas descolonizadas na formação em psicologia**. Orientador: Murilo dos Santos Moscheta. 2022. 130 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2022.

BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. **Editora José Olympio**, 2018.

COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. **Dicionário crítico de gênero**. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Pallas Editora, 2014.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>>. Acesso em: 26 maio. 2023.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v. 3.

DÍAZ, M.; CABRAL, F.; SANTOS, L. **Os direitos sexuais e reprodutivos. Afinal, que paz queremos**, p. 45-70, 2004. Disponível em: <[http://adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Os\\_direitos\\_sexuais\\_e\\_direitos\\_reprodutivos.pdf](http://adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Os_direitos_sexuais_e_direitos_reprodutivos.pdf)>. Acesso em: 14 de jun. 2023.

ESPINOSA, B. (2009). **Ética**. (Tomaz Tadeu, Trad.). Ed. Autentica.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, v. 1, p. 26-46, 2020. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf#page=27>>. Acesso em: 10 set. 2023.

FERREIRA NETO, J. L. Intervenção psicossocial em saúde e formação do psicólogo. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, p. 62-69, 2008. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000100007>>. Acesso em: 14 set. 2023.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**. Ética, estratégia, poder-saber. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. v. 4.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal. 1993.

\_\_\_\_\_. (2004). A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In M. B. Motta (Org.), **Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política** (E. Monteiro, I. A. D. Barbosa, trad., pp. 264-287). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1984).

GORJON, M. G.; MEZZARI, D. C. S.; BASOLI, L. P. Ensaando lugares de escuta: diálogos entre a psicologia e o conceito de lugar de fala. **Quaderns de Psicologia**, 2019. Vol. 21, Nº1. Disponível em: (PDF) Ensaando lugares de escuta: diálogos entre a psicologia e o conceito de lugar de fala | Melina Garcia Gorjon - Academia.edu Acesso em: 24 de Set. 2022.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. Micropolítica: Cartografias do desejo. Petrópolis: **Vozes**, 1986.

HOOKS, B. Teoria como prática libertadora. In: HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla, São Paulo. Editora Martins Fontes, 2013.

LIMA, E. M. F. A.; YASUI, S. Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial. **Saúde em debate**, v. 38, p. 593-606, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.5935/0103-1104.20140055>>. Acesso em: 20 abril. 2023.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MELLO, S. L; PATTO, M. H. S. **Psicologia da violência ou violência da psicologia?**. Psicologia USP, v. 19, p. 591-594, 2008. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0103-65642008000400013>>. Acesso em: 06 ago. 2023.

MESSEDER, S. A; NASCIMENTO, C. (Ed.). Pesquisador (a) encarnado (a): experimentações e modelagens no saber fazer das ciências. **EDUFBA**, 2020.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. Editora Cobogó, 2021.

OMS/UNICEF. **Conferência de Alma-Ata. Relatório da Conferência Internacional sobre Cuidados Primários da Saúde**, Alma-Ata, URSS, 6 a 12 de setembro de 1978. Brasília, p. 1-64. 1979.

PAULON, S. M; ROMAGNOLI, R. C. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 10, n. 1, p. 85-102, 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844631007.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2023.

PRADO FILHO, K.; TETI, M. M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, n. 38, p. 45-49, 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010465782013000100004&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010465782013000100004&script=sci_arttext)>. Acesso em: 20 maio. 2023.

RAGO, M. Inventar outros espaços, criar subjetividades libertárias. São Paulo: **ECidade**, 2015.

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SANTOS, J. A. **Gênero na teoria social: papéis, interações e instituições**, 2010. UFJF. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo4a5.pdf>>. Acesso em: 15 abril. 2023.

SCOTT, J. G.: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 10 ago. 2023.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar**. UFMG, 2010.

ZAGO, L. F. Quando a norma range os dentes–corpo, norma e transgressão. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 16, n. 31, 2014. Disponível em: <<http://posgrad.ulbra.br/periodicos/index.php/txra/article/view/1209>>. Acesso em: 07 abril. 2023.